



ISSN: 2595-1661

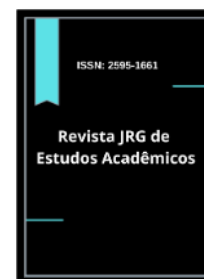
ARTIGO

Listas de conteúdos disponíveis em [Portal de Periódicos CAPES](https://portal.periodicos.capes.gov.br/)

Revista JRG de Estudos Acadêmicos

Página da revista:

<https://revistajrg.com/index.php/jrg>



O impacto da polifarmácia na saúde do idoso: abordagens de enfermagem

The impact of polypharmacy on elderly health: nursing approaches

DOI: 10.55892/jrg.v8i19.2660

ARK: 57118/JRG.v8i19.2660

Recebido: 05/11/2025 | Aceito: 10/11/2025 | Publicado on-line: 12/11/2025

Ana Luiza Ferraz Magalhães de Melo

<https://orcid.org/0009-0002-0554-5950>

<https://lattes.cnpq.br/7775292244461761>

Sulamérica Faculdade, BA, Brasil

E-mail: analuizaferrazdemelo@gmail.com

Luísa Tayuane Nunes Silva

<https://orcid.org/0009-0001-3396-4872>

<http://lattes.cnpq.br/6778719978322071>

Sulamérica Faculdade, BA, Brasil

E-mail: lutayuane1213@gmail.com

Raquel Gândara Doerner

<https://orcid.org/0009-0001-1464-3774>

<http://lattes.cnpq.br/5455632619210191>

Sulamérica Faculdade, BA, Brasil

E-mail: raqueldoerner2013@gmail.com

Brenda Lúcia Burtuli Perondi

<https://orcid.org/0000-0002-8299-0014>

<http://lattes.cnpq.br/5108023596898390>

Sulamérica Faculdade, BA, Brasil

E-mail: brendaperondi@sulamericaacademia.edu.br



Resumo

O envelhecimento populacional tem se intensificado no Brasil, resultando em um aumento expressivo da prevalência de doenças crônicas e, consequentemente, no uso simultâneo de múltiplos medicamentos entre os idosos, fenômeno conhecido como polifarmácia. Esse quadro traz desafios significativos para o sistema de saúde, pois está associado a riscos como interações medicamentosas, reações adversas, hospitalizações e redução da qualidade de vida. Este Trabalho de Conclusão de Curso teve como objetivo analisar, com base na literatura científica, os efeitos da polifarmácia na saúde da população idosa, bem como identificar estratégias para a promoção do uso racional de medicamentos e a redução dos riscos terapêuticos. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, exploratória e descritiva, com abordagem qualitativa, realizada entre maio e julho de 2025, por meio da análise de artigos disponíveis nas bases SciELO, PubMed, LILACS, Google Acadêmico e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). A análise dos estudos selecionados revelou que a polifarmácia é altamente prevalente entre os idosos e representa um importante problema de saúde pública. Os resultados indicam que a gestão inadequada dos medicamentos contribui para o agravamento de condições clínicas, elevação das taxas de mortalidade e aumento dos custos hospitalares. Evidenciou-se também o

papel essencial dos profissionais de enfermagem na prevenção de eventos adversos, na reconciliação medicamentosa, na educação em saúde e na promoção de um cuidado humanizado e seguro. Conclui-se que a polifarmácia, embora muitas vezes inevitável, pode ser gerenciada de forma eficaz por meio de práticas multiprofissionais integradas, protocolos clínicos e políticas públicas que incentivem o uso racional de medicamentos, garantindo um envelhecimento mais saudável, digno e sustentável.

Palavras-chave: Enfermagem. Envelhecimento. Idosos. Polifarmácia. Uso racional de medicamentos.

Abstract

Population aging has intensified in Brazil, resulting in a significant increase in the prevalence of chronic diseases and, consequently, in the simultaneous use of multiple medications among the elderly — a phenomenon known as polypharmacy. This situation poses major challenges to the healthcare system, as it is associated with risks such as drug interactions, adverse reactions, hospitalizations, and a reduced quality of life. This Final Undergraduate Project aimed to analyze, based on scientific literature, the effects of polypharmacy on the health of the elderly population, as well as to identify strategies for promoting the rational use of medications and reducing therapeutic risks. This is a bibliographic, exploratory, and descriptive research study with a qualitative approach, conducted between May and July 2025, through the analysis of articles available in databases such as SciELO, PubMed, LILACS, Google Scholar, and the Virtual Health Library (VHL). The analysis of the selected studies revealed that polypharmacy is highly prevalent among older adults and represents an important public health issue. The results indicate that inadequate medication management contributes to the worsening of clinical conditions, higher mortality rates, and increased hospital costs. The study also highlighted the essential role of nursing professionals in preventing adverse events, performing medication reconciliation, promoting health education, and fostering humanized and safe care. It is concluded that polypharmacy, although often unavoidable, can be effectively managed through integrated multidisciplinary practices, clinical protocols, and public policies that encourage the rational use of medications, ensuring a healthier, more dignified, and sustainable aging process.

Keywords: Nursing. Aging. Elderly. Polypharmacy. Rational use of medications.

1. INTRODUÇÃO

O envelhecimento é um fenômeno patofisiológico gradual e irreversível que compromete, de forma progressiva, a funcionalidade de diversos sistemas orgânicos, como os sistemas cardiovascular, musculoesquelético, imunológico e nervoso. Essa degradação sistêmica contribui para o aumento da vulnerabilidade a doenças crônicas, incluindo osteoporose, enfermidades cardiovasculares e condições neurodegenerativas. Em nível celular, fatores como a instabilidade genômica, o encurtamento telomérico e o acúmulo de células senescentes comprometem a homeostase tecidual e favorecem processos inflamatórios crônicos, estabelecendo uma relação direta entre o envelhecimento e o desenvolvimento de diversas patologias. Além disso, a deterioração dos mecanismos de autofagia e a perda da proteostase intensificam o estresse oxidativo, o que contribui significativamente para a progressão de doenças como Alzheimer e Doença Pulmonar Obstrutiva Crônica (Guo *et al.*, 2022).

No contexto demográfico, observa-se um acelerado processo de envelhecimento populacional no Brasil, impulsionado pelo aumento da expectativa de vida e pela redução das taxas de fecundidade. Enquanto países como a França levaram cerca de 140 anos para que a proporção de idosos passasse de 10% para 20% da população, o Brasil vivenciará essa mesma transição em apenas 25 anos. Projeções indicam que, até 2060, mais de 25% da população brasileira terá mais de 60 anos, o que impõe profundas transformações nas demandas sociais e econômicas. Esse cenário impacta diretamente a força de trabalho, os sistemas de saúde e previdência, além de intensificar o ônus familiar no cuidado a pessoas idosas com doenças crônicas (Mrejen; Nunes; Giacomini, 2023).

Diante desse panorama, um dos principais desafios enfrentados pelos sistemas de saúde é a polifarmácia, definida como o uso concomitante de múltiplos medicamentos. Esse fenômeno tem se tornado cada vez mais comum entre a população idosa, principalmente devido à alta prevalência de doenças crônicas que requerem tratamentos contínuos e multifacetados (Pereira *et al.*, 2017).

Com o aumento da longevidade e a transição demográfica, cresce também a necessidade de terapias múltiplas. No entanto, essa prática acarreta riscos significativos, como interações medicamentosas adversas, reações iatrogênicas e complicações clínicas que comprometem a qualidade de vida dos idosos, além de aumentar a incidência de hospitalizações (Campos *et al.*, 2024).

Diversos estudos têm discutido tanto a prevalência da polifarmácia quanto suas implicações para a saúde dos idosos. Enquanto Pereira *et al.* (2017) destaca o crescimento da polifarmácia em função do envelhecimento populacional, Santana *et al.* (2015) enfatiza a elevada participação dos idosos no consumo de medicamentos. Apesar desses avanços, ainda há lacunas na literatura científica quanto à efetividade das estratégias clínicas voltadas à redução dos riscos associados à polifarmácia e à otimização da gestão medicamentosa.

Nesse contexto, destaca-se a atuação fundamental dos profissionais de enfermagem, especialmente considerando que os idosos representam aproximadamente 50% dos consumidores de medicamentos, uma realidade que tende a se intensificar com o avanço da expectativa de vida. Os enfermeiros desempenham papel essencial na orientação e no monitoramento do uso de fármacos, contribuindo para a promoção do uso racional de medicamentos, prevenção de interações adversas e garantia de maior segurança terapêutica para essa população (Santana *et al.*, 2019).

A relevância desta pesquisa reside na necessidade de ampliar a compreensão sobre a polifarmácia e seus impactos na saúde da população idosa, com vistas ao desenvolvimento de práticas clínicas mais seguras e eficazes. Ao abordar um tema que envolve diretamente a qualidade de vida dos idosos e os desafios enfrentados pelo sistema de saúde, este estudo busca fornecer subsídios para a formulação de políticas públicas que incentivem o uso racional de medicamentos na terceira idade (Andrade *et al.*, 2024).

O rápido envelhecimento da população brasileira, conforme apontam Castro, Lacerda e Marquez (2024), tem resultado em um aumento expressivo da prevalência de doenças crônicas e, conseqüentemente, no uso simultâneo de múltiplos medicamentos entre os idosos. Esse cenário reforça a importância de investigar a polifarmácia e de promover o uso racional de medicamentos como estratégia essencial para garantir terapias mais seguras e uma melhor qualidade de vida para essa população. A complexidade do cuidado à saúde do idoso, marcada pela presença de múltiplas comorbidades e pela necessidade de tratamentos prolongados,

exige abordagens que aliem conhecimento científico, prática clínica e políticas públicas eficazes.

Do ponto de vista acadêmico, observa-se uma escassez de estudos nacionais abrangentes sobre protocolos de prescrição, adesão ao tratamento e resultados clínicos relacionados à polifarmácia. Assim, esta pesquisa pretende contribuir para a ampliação do conhecimento científico, fornecendo subsídios para a elaboração de diretrizes terapêuticas e para a formação de profissionais de saúde, especialmente da enfermagem, mais preparados para lidar com os desafios do envelhecimento populacional (Oliveira *et al.*, 2020).

Sob a perspectiva social, o estudo é de grande relevância, uma vez que o uso inadequado e excessivo de medicamentos está diretamente associado a riscos como interações adversas, quedas, hospitalizações e perda de autonomia, afetando de forma significativa a qualidade de vida dos idosos. Além de reduzir esses riscos, a promoção do uso racional de medicamentos contribui para a sustentabilidade do Sistema Único de Saúde (SUS), reduzindo gastos com internações e complicações evitáveis, além de aliviar a sobrecarga de familiares e cuidadores, promovendo um cuidado mais humanizado e centrado no paciente (Castro; Lacerda; Marquez, 2024).

No campo científico, o estudo se destaca ao propor uma análise integrativa capaz de identificar padrões de prescrição inadequada e barreiras ao uso seguro de medicamentos, podendo, inclusive, orientar políticas públicas e práticas clínicas voltadas à segurança do paciente (Meireles, 2016). Assim, ao promover práticas seguras e responsáveis no uso de fármacos, esta pesquisa contribui para a sustentabilidade do sistema de saúde, a redução da morbimortalidade e o fortalecimento de uma sociedade mais preparada para o envelhecimento digno e saudável (Andrade, 2022).

Dessa forma, compreender o impacto da polifarmácia torna-se essencial para subsidiar ações que promovam o uso racional de medicamentos entre a população idosa. Nesse sentido, esta pesquisa é orientada pela seguinte questão norteadora: como a polifarmácia afeta a qualidade de vida dos idosos e quais estratégias podem ser adotadas para minimizar seus riscos? A busca por essa resposta visa contribuir para o aprimoramento das práticas de cuidado e para o desenvolvimento de políticas públicas que promovam um envelhecimento mais saudável, seguro e sustentável no contexto brasileiro.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 ASPECTOS GERAIS DO PROCESSO DE ENVELHECIMENTO

Os principais órgãos de saúde Organização Mundial da Saúde (OMS), Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS), Ministério da Saúde, Fundação Nacional de Saúde (FUNASA) e Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) definem a população idosa como sendo aquela com indivíduos a partir dos 60 anos de idade. Atualmente no Brasil, de 210 milhões de pessoas, os idosos correspondem em 37,7 milhões de indivíduos, representando um quinto da população total (Adjuto, 2021).

Dessa forma, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística- IBGE (2018), afirmou que a população brasileira manteve uma tendência de envelhecimento dos últimos anos e, este fenômeno decorre tanto do aumento da expectativa de vida, devido a melhorias nas condições de saúde, ou por questões associadas a menores taxas de fecundidade, explicadas pela diminuição do número médio de filhos por mulher. Esse evento tem ocorrido não só no Brasil, mas também mundialmente.

O envelhecimento da população pode ser considerado como um dos maiores triunfos da humanidade e, ainda, um dos grandes desafios a ser enfrentado pelas políticas públicas de saúde. Ao longo dos anos, o envelhecimento global resultará em um aumento das demandas sociais e econômicas ao redor do mundo, contudo, é importante destacar que essa população é, geralmente, ignorada. Este fato é preocupante já que os idosos representam peças importantes para a estrutura das sociedades (Wastesson *et al.*, 2018).

Devido à transição demográfica em curso para o envelhecimento da população, há uma tendência crescente na prevalência de enfermidades na idade avançada, especialmente nos países em desenvolvimento (Lestari *et al.*, 2019). Neste contexto, uma relação positiva entre o surgimento de afecções e pobreza, em países de baixa e média renda, é observada na literatura. Contudo, o aparecimento de doenças na velhice é comum e se torna um fator estressante para a família do indivíduo, bem como para a sociedade em geral, devido aos recursos limitados para assistência, cuidado e reabilitação (Paul *et al.*, 2021).

Já no que diz respeito às alterações farmacocinéticas mais importantes nestes indivíduos, estas incluem diminuição da capacidade secretora renal e comprometimento do metabolismo hepático e, dessa forma, são necessários ajustes das doses de medicamentos aos parâmetros renais. As alterações no fígado durante o envelhecimento podem afetar o metabolismo dos medicamentos de várias maneiras. Com a idade, o tamanho do fígado diminui em cerca de 20 a 40% em relação a seu tamanho comum, diminuindo assim o fluxo sanguíneo através deste órgão. Neste contexto, a atividade de diversas enzimas também tende a diminuir, em comparação a funcionalidade em jovens adultos (Tan *et al.*, 2015).

Outra alteração metabólica importante em idosos e também elencada por Tan *et al.* (2015), é a diminuição do metabolismo celular, que pode reduzir significativamente a atividade de substâncias administradas na forma de pró-fármacos. Além disso, o sistema nervoso central nestes indivíduos se torna gradativamente mais suscetível a agentes que afetam a função cerebral, como por exemplo, opióides, benzodiazepínicos e drogas psicotrópicas. As alterações farmacodinâmicas que comumente ocorrem estão associadas a alterações na sensibilidade aos medicamentos, independentemente da distribuição dos compostos químicos nos tecidos.

Por conta de tais alterações, os idosos consomem mais os serviços de saúde, as internações hospitalares são mais frequentes e o tempo de ocupação do leito é maior quando comparado às demais faixas etárias. Isso se deve ao padrão de doenças crônicas e múltiplas dos idosos, exigindo acompanhamento constante, cuidados permanentes, exames periódicos e medicação contínua, com alguns problemas relacionados a este último (Veras; Oliveira, 2016).

Um dos problemas dos modelos de saúde mais recentes é o foco exclusivo na doença. Mesmo quando é oferecido um programa com uma lógica de antecipação das doenças, as propostas são voltadas prioritariamente para a redução de uma determinada doença, esquecendo que para as doenças crônicas o objetivo não deve ser a cura, mas a busca pela estabilização do quadro clínico e monitoramento constante, a fim de prevenir ou reduzir o declínio funcional. Neste contexto, podem ser prescritos múltiplos medicamentos simultaneamente, que é a prática conhecida como polifarmácia, predominante em idosos (König *et al.*, 2018).

Elencado alguns pontos relevantes do processo de envelhecimento, torna-se perceptível que a manutenção da qualidade do indivíduo idoso passa a depender em grande parte dos casos da utilização de combinações medicamentosas.

2.2 POLIFARMÁCIA

Na literatura, conforme aponta Costa (2015), não há um consenso definitivo sobre a definição do termo polifarmácia. Alguns autores consideram polifarmácia o uso concomitante de cinco ou mais medicamentos, enquanto outros a classificam de maneira graduada: leve (uso de dois a três medicamentos), moderada (quatro a cinco) e grave (mais de cinco medicamentos). Essa falta de uniformidade conceitual revela uma dificuldade importante para a padronização de estudos e para a criação de políticas públicas específicas. Afinal, sem uma definição clara, os dados sobre a prevalência e o impacto da polifarmácia podem se tornar inconsistentes.

Complementando essa perspectiva, Paula Júnior *et al.* (2013) também propõem uma categorização semelhante: pequena polifarmácia (dois a três medicamentos), moderada (quatro a cinco) e grande (acima de cinco). A coincidência entre essas classificações, ainda que em fontes distintas, reforça a necessidade de estabelecer limites mais precisos para facilitar o diagnóstico e o manejo desse fenômeno nos serviços de saúde.

Para Carvalho *et al.* (2012), o surgimento da polifarmácia não se deve apenas à presença de múltiplas doenças (comorbidades), mas também a fatores como a consulta a vários médicos, a falta de questionamentos adequados sobre medicamentos em uso durante as consultas e a prática da automedicação. A reflexão trazida pelos autores é crucial: além de ser um produto de doenças múltiplas, a polifarmácia é fomentada por falhas no sistema de saúde e no comportamento dos próprios pacientes. A consequência, como destacam, é preocupante: esquemas terapêuticos complexos, maior risco de interações medicamentosas e reações adversas, comprometendo tanto a adesão quanto a eficácia do tratamento.

Nesse mesmo sentido, Oliveira *et al.* (2012) ressaltam que os idosos são consumidores naturais de medicamentos, em razão das alterações fisiológicas do envelhecimento. Segundo o estudo, antibióticos, ansiolíticos, antidepressivos e beta-adrenérgicos figuram entre as classes farmacológicas mais utilizadas. Tal constatação evidencia que a demanda farmacológica no envelhecimento é multifatorial e que, por isso, exige um controle rigoroso para evitar o uso desnecessário ou inadequado de medicamentos.

Nascimento *et al.* (2017) acrescentam que o uso de múltiplos medicamentos é comum e crescente, principalmente entre pessoas acima de 65 anos. Esse fenômeno está atrelado ao aumento da expectativa de vida e da multimorbidade, assim como à maior disponibilidade de associações medicamentosas para tratar condições como hipertensão e diabetes mellitus. Este argumento revela uma faceta importante: se, por um lado, a ampliação da expectativa de vida é um triunfo social, por outro, ela impõe desafios clínicos e terapêuticos complexos.

Quando se abordam os efeitos adversos da polifarmácia, Muhlack *et al.* (2017) alertam que o efeito mais grave é a morte, decorrente das reações adversas por interações farmacológicas. Segundo o estudo, a mortalidade aumenta em 1,6 vezes em pessoas que tomam combinações anormais de medicamentos. Essa afirmação, por si só, já ilustra a gravidade da situação. Wauters *et al.* (2016) reforçam que o uso de medicamentos desajustados está associado a um aumento relativo de 39% na mortalidade, independentemente da quantidade de medicamentos. Essa constatação reforça a importância de avaliações periódicas e criteriosas das prescrições feitas aos idosos.

Dados da Organização Mundial da Saúde (OMS, 2019) revelam que, em países desenvolvidos, entre 30% e 40% das pessoas acima de 65 anos usam cinco ou mais

medicamentos, e 12% consomem dez ou mais. Embora esses números já sejam alarmantes, a OMS destaca que a dificuldade em uniformizar os sistemas de coleta de dados entre os países torna a comparação internacional ainda mais complexa. Esse comentário é relevante porque expõe uma fragilidade importante na formulação de políticas globais de saúde para idosos.

Montiel-Luque *et al.* (2017) discutem outro aspecto relevante: a influência da polifarmácia na qualidade de vida. Segundo os autores, o uso de muitos medicamentos e a consequente possibilidade de interações medicamentosas levam a uma redução significativa nos escores de qualidade de vida relacionados à saúde. A pesquisa evidencia que esses efeitos são agravados por deteriorações na mobilidade, funcionalidade e funções cognitivas, fatores que impactam diretamente a autonomia e o bem-estar dos idosos.

Corroborando essa linha de pensamento, Silva *et al.* (2012) sublinham que, com o aumento da expectativa de vida, cresce também o número de portadores de doenças crônicas não transmissíveis. Como resultado, há uma maior necessidade de uso contínuo de medicamentos. O protocolo de tratamento para essas doenças frequentemente implica a associação de vários medicamentos, aumentando a incidência de polifarmácia. Esse contexto ressalta que, muitas vezes, o acúmulo de medicamentos é inevitável; portanto, a questão não é apenas reduzir o número de fármacos, mas assegurar que seu uso seja seguro e racional.

Por fim, Puga *et al.* (2019) trazem um alerta importante sobre os riscos da polifarmácia em relação à hidratação dos idosos. Medicamentos frequentemente usados, como anti-hipertensivos e hipoglicemiantes, podem causar hipoidratação ao aumentar a perda de líquidos ou diminuir a percepção da sede. Além disso, os excipientes presentes nos medicamentos também podem alterar o trânsito gastrointestinal e afetar a absorção de nutrientes e água. A reflexão sobre esses efeitos metabólicos amplia ainda mais a complexidade do manejo medicamentoso em idosos, evidenciando a necessidade de monitoramento constante e da escolha cuidadosa dos fármacos utilizados.

Assim como preconiza Andrade *et al.* (2024), ao considerar as múltiplas dimensões que envolvem a polifarmácia da definição conceitual aos impactos na mortalidade, na qualidade de vida e no metabolismo torna-se imprescindível que o tema receba atenção especial tanto na prática clínica quanto nas políticas públicas. O envelhecimento saudável exige não apenas viver mais, mas viver melhor, e isso passa, necessariamente, por uma gestão criteriosa do uso de medicamentos.

2.3 O PAPEL DA ENFERMAGEM NA POLIFARMÁCIA

De acordo com Cecchin *et al.* (2014), a polifarmácia, especialmente no contexto das doenças crônicas não transmissíveis, demanda intervenções tanto no nível gerencial quanto nos serviços de saúde. Os autores enfatizam a necessidade de capacitar profissionais para identificar erros de prescrição e administração de medicamentos por meio de ações educativas que considerem não apenas as dificuldades dos idosos, mas também os desafios enfrentados pelos cuidadores. Esse enfoque gerencial é fundamental, pois, sem uma estrutura de apoio e formação adequadas, mesmo as melhores diretrizes clínicas podem não ser efetivas na prática.

Segundo Silva, Schmidt e Silva (2012), para que as ações em saúde sejam eficazes no cuidado ao idoso, é essencial que o profissional compreenda as alterações orgânicas decorrentes do envelhecimento e o impacto dessas mudanças no metabolismo dos medicamentos. Os autores destacam a importância de conhecer a farmacologia dos fármacos prescritos, bem como o contexto socioeconômico e

demográfico do paciente, a fim de antecipar interações medicamentosas e reações adversas. Essa abordagem reforça a complexidade do cuidado, evidenciando que não basta seguir protocolos genéricos, é necessário personalizar a terapêutica de acordo com as particularidades de cada indivíduo.

Adicionalmente, Kreuz e Franco (2017) chamam a atenção para o protagonismo do idoso e do cuidador no processo terapêutico. Eles defendem que a autonomia do paciente só se concretiza se houver compreensão teórica da prescrição e do uso correto dos medicamentos.

Contudo, Kreuz e Franco (2017) reconhecem que dificuldades cognitivas e o baixo nível de instrução podem tornar a prática cotidiana de cuidados em saúde uma tarefa complexa. Esse aspecto reforça a importância de uma comunicação clara e do uso de recursos pedagógicos adaptados à realidade de cada família, a fim de promover compreensão e adesão ao tratamento.

Arruda, Lima e Renovato (2013) reforçam a urgência de maior vigilância e apoio ao idoso polimedicado, pois muitos podem não compreender completamente a posologia prescrita ou, ainda, seguir orientações próprias baseadas em suas crenças. A susceptibilidade ao erro aumenta proporcionalmente ao número de medicamentos em uso, o que evidencia a importância de revisões regulares das prescrições e de uma articulação efetiva entre médicos, enfermeiros e farmacêuticos.

Nesse cenário, a enfermagem assume papel central na atenção a cuidadores e idosos. Fuhrmann *et al.* (2015) apontam que, ao avaliar situações de vulnerabilidade e desenvolver ações de suporte, a equipe de enfermagem contribui não apenas para reduzir a sobrecarga do cuidador, mas também para prevenir complicações futuras. Esse comentário sublinha a dimensão preventiva e educativa das práticas de enfermagem, que vão além da administração de medicamentos e se estendem ao cuidado integral.

Por fim, Silva, Schmidt e Silva (2012) apresentam um conjunto de estratégias para tornar a assistência farmacológica ao idoso mais efetiva:

- Solicitar que o paciente leve todos os medicamentos às consultas, permitindo a reavaliação de contraindicações e interações;
- Investigar e informar sobre efeitos adversos;
- Orientar detalhadamente quanto à frequência, quantidade e horários de cada fármaco;
- Ensinar o uso de lembretes visuais (calendários, recipientes coloridos e com letras grandes);
- Confirmar a compreensão do paciente por meio de escuta qualificada e envolver o familiar ou cuidador;
- Associar a administração dos medicamentos a rotinas diárias (hora do café, refeição ou higiene bucal) (Silva; Schmidt; Silva 2012, p. 173).

De acordo com Silva, Schmidt e Silva (2012), embora pareçam simples, essas medidas representam uma possibilidade concreta de reduzir erros, melhorar a adesão ao tratamento e, sobretudo, humanizar o cuidado prestado ao idoso polimedicado.

Segundo o entendimento de Santana *et al.* (2019), o impacto da polifarmácia na saúde dos idosos apresenta-se como um desafio complexo, ultrapassando a mera combinação de medicamentos. As intervenções de enfermagem tornam-se essenciais ao promover uma perspectiva holística que integra elementos clínicos e biopsicossociais. Através da sistematização das prescrições e da identificação precoce de interações medicamentosas, os enfermeiros desempenham um papel crucial na prevenção de complicações e na melhoria de desfechos favoráveis.

O cuidado humanizado, fomentado pela escuta ativa e pelo fortalecimento das

relações entre equipe, paciente e cuidador, potencia a compreensão do tratamento. Além disso, a implementação de estratégias educacionais, como o uso de lembretes e a organização do regime de medicação, contribui para a autonomia do paciente e diminui o risco de erros na administração (Didone *et al.*, 2019).

As ações eficazes de cuidado segundo Agreli *et al.* (2016), requerem uma colaboração interprofissional entre enfermagem, medicina e farmácia, visando à minimização dos riscos associados à polifarmácia e à promoção de uma experiência de envelhecimento digna e segura. A consolidação dessas práticas, em conjunto com políticas de saúde voltadas ao idoso, estabelece um alicerce essencial para a criação de sistemas de cuidado mais eficazes e seguros.

3. METODOLOGIA DA PESQUISA

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, exploratória e descritiva, com abordagem qualitativa, que realizou a análise de conteúdo para categorização dos dados. O estudo teve como objetivo reunir, analisar e sintetizar o conhecimento científico sobre o uso racional de medicamentos na população idosa, com ênfase na polifarmácia e na segurança terapêutica. O trabalho constitui-se em um levantamento bibliográfico baseado em produções científicas já publicadas sobre o tema.

A busca dos artigos foi realizada no ambiente virtual, entre os meses de maio a julho de 2025, utilizando as seguintes bases de dados eletrônicas: SciELO, PubMed, LILACS, Google Acadêmico e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Durante a busca, foram empregados descritores relacionados a “uso racional de medicamentos”, “polifarmácia”, “idosos”, “segurança terapêutica” e “qualidade de vida”.

Ao todo, foram encontrados 50 artigos que atendiam parcialmente aos critérios de busca. Após a leitura dos títulos, resumos e textos completos, foram selecionados 30 estudos que apresentavam relação direta com o tema central da pesquisa e atendiam aos critérios de inclusão.

Para inclusão dos estudos, foram adotados os seguintes critérios:

Artigos científicos publicados entre 2015 e 2025;

Publicações em português, inglês ou espanhol (com tradução automática pelo navegador);

Estudos que abordassem uso racional de medicamentos, polifarmácia, segurança terapêutica ou qualidade de vida em idosos;

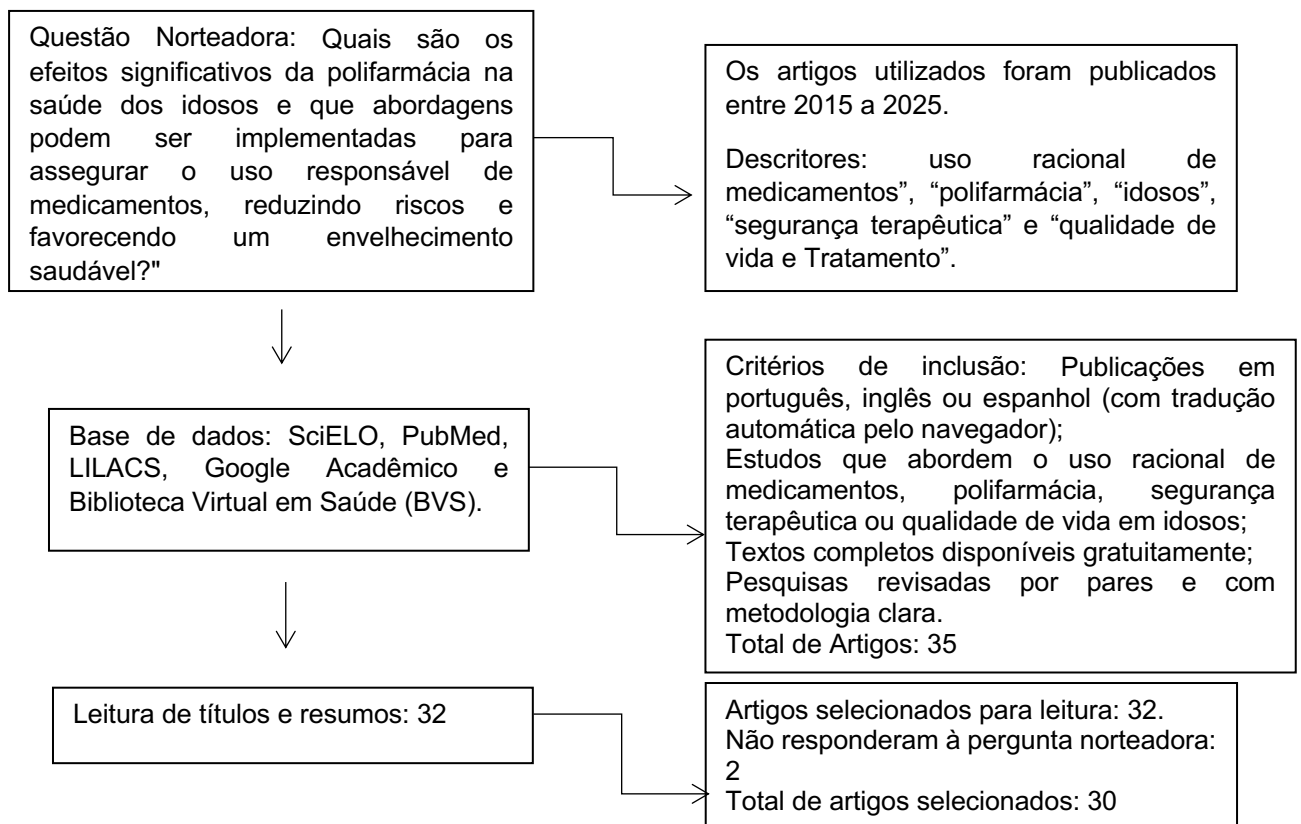
Textos completos disponíveis gratuitamente;

Pesquisas revisadas por pares e com metodologia claramente descrita.

Foram excluídos trabalhos duplicados ou que não apresentassem relação direta com o tema central da pesquisa.

Os dados coletados foram analisados por meio de leitura exploratória, codificação e categorização em três eixos temáticos: (1) riscos da polifarmácia, (2) benefícios do cuidado qualificado e (3) intervenções de enfermagem. A análise buscou identificar padrões, contradições e lacunas na literatura, construindo uma síntese crítica sobre o impacto da polifarmácia na saúde da população idosa. Por se tratar de uma pesquisa exclusivamente bibliográfica, não houve envolvimento de seres humanos, portanto, não foi necessária aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP). Contudo, foram respeitados todos os princípios éticos previstos na Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, garantindo honestidade intelectual, integridade científica e respeito aos direitos autorais.

Figura 1. Fluxograma do processo de seleção dos artigos revisados.



Fonte: Autoras. (2025).

4. RESULTADOS

Autores	Título	Revista/Ano	Idioma	Resultado do estudo
Matos & Tufic-Garutti, 2024	Abordagens para a polifarmácia e seus riscos na terceira idade	Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences/ 2024	Português	Identifica a polifarmácia como fator de risco para quedas, interações e eventos adversos; recomenda revisão regular da farmacoterapia, conciliação medicamentosa e desprescrição estruturada como estratégias centrais de manejo.
Ribeiro <i>et al.</i> , 2024	Desafios e estratégias na gestão da polifarmácia em idosos: impactos na saúde e adesão ao tratamento	Brazilian Journal of Health and Biological Science/ 2024	Português	Aponta que múltiplos fármacos reduzem a adesão e elevam risco de declínio cognitivo e quedas; destaca educação do paciente, decisão compartilhada e atuação do farmacêutico (revisão da terapia e acompanhamento) para melhorar segurança e adesão.
Tinôco <i>et al.</i> , 2021	Polifarmácia em idosos: consequências de polimorbidades	Brazilian Journal of Surgery and Clinical Research – BJSCR/ 2021	Português	Mostra que polimorbidades impulsionam a polifarmácia, aumentando reações adversas, hospitalizações e mortalidade; reforça necessidade de manejo interdisciplinar e protocolos de desprescrição.
Alves; Pereira; Soler, 2025	Serviços farmacêuticos e/ou cuidado farmacêutico para idosos com polimorbidades, polifarmácia e deficiência auditiva: Revisão de escopo	Research, Society and Development/ 2025	Português	Encontra escassez de estudos que integrem polifarmácia e deficiência auditiva; recomenda adaptações de comunicação (materiais visuais, validação de entendimento) e intervenções farmacêuticas estruturadas para reduzir erros e melhorar adesão.
Andrade <i>et al.</i> , 2024	Polifarmácia, medicamentos potencialmente inapropriados e a vulnerabilidade de pessoas idosas	Rev. bras. geriatr. Gerontol/ 2024	Português	Em estudo transversal, a vulnerabilidade clínico-funcional (IVCF-20) associou-se a maior exposição a polifarmácia e MPIs; entre os MPIs frequentes figuram glibenclamida, omeprazol e carvedilol, ressaltando a utilidade dos critérios de Beers/CBMPI na prática.
Morais; Card; Silva, 2024	Efeitos adversos da polifarmácia em idosos: uma revisão integrativa	Revista JRG de Estudos Acadêmicos/ 2024	Português	Sistematiza que polifarmácia aumenta eventos adversos, interações, quedas, comprometimento cognitivo e internações; recomenda revisão periódica, uso de ferramentas explícitas (p.ex., Beers) e educação contínua do paciente/cuidador.
Costa <i>et al.</i> , 2024	Polifarmácia e os riscos à qualidade de vida do idoso: uma revisão integrativa	Editores Realize /2024	Português	Conclui que a polifarmácia se relaciona a piores escores de qualidade de vida (domínios físico e mental), sugerindo desprescrição gradual, simplificação de regimes e monitorização próxima como caminhos para mitigação.

Selbmann <i>et al.</i> , 2024	Implicações e risco da polifarmácia em pacientes idosos	Brazilian Journal of Health Review/ 2024	Português	Resume impactos como maior carga de eventos adversos, erros de uso, quedas e custos; defende conciliação, rastreamento de PIMs, revisão de duplicidades e engajamento multiprofissional como pilares do cuidado seguro.
Maciel; Torres; Souza, 2025	Saúde e envelhecimento: impacto da polifarmácia na qualidade de vida dos idosos	Repositório Universitário da Ânima (RUNA)/ 2025	Português	Relata associação consistente entre polifarmácia e pior qualidade de vida, com ênfase no papel do farmacêutico clínico em revisão terapêutica, adesão e educação em saúde para melhorar desfechos.
Vieira; Pinheiro, 2025	Desafios no manejo da polifarmácia em idosos: estratégias para a farmácia clínica	Revista CPAQV – Centro de Pesquisas Avançadas em Qualidade de Vida/ 2025	Português	Elencas estratégias práticas: reconciliação medicamentosa, revisão criteriosa (CMR), desprescrição, monitorização de RAMs, uso de critérios explícitos (Beers/CBMPI) e tecnologias de apoio; destaca telefarmácia e decisão compartilhada.
Barros <i>et al.</i> , 2023	Estratégias para reduzir os impactos da polifarmácia em idosos	Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação- REASE/ 2023	Português	Os resultados do projeto evidenciam a eficácia da integração entre estudantes, equipes da ESF e comunidade na identificação e acompanhamento de idosos polimedicados. A construção da Caderneta de Medicação do Idoso e a realização de ações educativas permitiram não apenas o controle mais seguro das medicações, mas também a conscientização sobre os riscos da polifarmácia. Assim, o estudo contribui ao fornecer um instrumento prático para o monitoramento da terapia medicamentosa e ao promover estratégias de prevenção e educação em saúde voltadas à população idosa.
Pereira <i>et al.</i> , 2017	Polifarmácia em idosos: um estudo de base populacional	Rev. bras. epidemiol./ 2017	Português	Os resultados do estudo mostram alta prevalência de polifarmácia entre idosos, especialmente em mulheres, indivíduos mais velhos, com autoavaliação negativa de saúde e consultas médicas recentes, com predominância de medicamentos cardiovasculares, gastrointestinais e do sistema nervoso. Essas evidências reforçam a contribuição do estudo ao identificar padrões de uso de medicamentos, fatores de risco e populações mais vulneráveis, fornecendo subsídios para intervenções direcionadas, monitoramento clínico mais criterioso e estratégias de prevenção de efeitos adversos relacionados à polifarmácia na população idosa.
Sacramento Filho; Castro; Abreu, 2022	A importância da atenção farmacêutica na polifarmácia em pacientes idosos	Revista JRG de Estudos Acadêmicos/ 2022	Português	Os resultados indicam que a polifarmácia é comum entre os idosos, com riscos significativos relacionados ao uso simultâneo de múltiplos medicamentos. O estudo evidenciou que a atuação do farmacêutico é fundamental para o manejo seguro dessa prática, por meio da avaliação criteriosa das prescrições,

				orientação adequada sobre o uso dos medicamentos e monitoramento de possíveis interações e efeitos adversos. Dessa forma, os achados reforçam a contribuição da atenção farmacêutica na promoção do uso racional de medicamentos, na prevenção de riscos e na melhoria da segurança e adesão terapêutica dos idosos, destacando a importância de um acompanhamento sistemático e individualizado nessa população.
Oliveira; Pinto, 2021	A utilização da polifarmácia entre idosos e seus riscos	Brazilian Journal of Development/ 2021	Português	Os resultados evidenciam que a polifarmácia é comum entre os idosos, principalmente devido à presença de múltiplas doenças crônicas, como hipertensão, diabetes e depressão, e agravada pela automedicação e pelo fácil acesso a medicamentos. Essa prática aumenta o risco de interações medicamentosas, efeitos adversos e comprometimento de funções orgânicas, especialmente hepáticas e renais.
Assunção <i>et al.</i> , 202	Impacto da polimedicação na saúde de idosos: avaliação e estratégias de intervenção	Europub Journal of Health Research/ 2024	Português	Os resultados apontam que a polifarmácia é frequente entre idosos, especialmente mulheres e indivíduos com múltiplas comorbidades, e que o aumento do uso de medicamentos eleva o risco de interações, reações adversas e impactos financeiros.
Figueiredo <i>et al.</i> , 2024	Uso de polifarmácia por idosos: interações e reações adversas no uso de medicamentos	Contribuciones a Las Ciencias Sociales/ 2024	Português	Os resultados demonstram que a polifarmácia é uma condição frequente entre idosos e está associada a múltiplos riscos à saúde, incluindo reações adversas, interações medicamentosas, quedas, comprometimento cognitivo, hospitalizações e aumento dos custos de saúde. O estudo contribui ao evidenciar que a atuação de equipes multiprofissionais especialmente médicos, enfermeiros, farmacêuticos e agentes comunitários de saúde é essencial para monitorar o uso de medicamentos, ajustar prescrições, orientar os pacientes e implementar estratégias de prevenção. Dessa forma, os achados reforçam a importância de intervenções integradas e individualizadas para reduzir a polimedicação inadequada, minimizar riscos e melhorar a qualidade de vida da população idosa.
Souza; Garcia; Marcacini, 2025	Relação entre polifarmácia e saúde mental em idosos: Uma revisão sistemática	Research, Society and Development/ 2025	Português	Os resultados indicam que a polifarmácia é prevalente entre idosos, especialmente aqueles com múltiplas comorbidades, e está associada a riscos significativos para a saúde mental, como depressão, declínio cognitivo e redução da qualidade de vida. A revisão identificou que, enquanto a maioria dos estudos foca nos

				impactos negativos, a polifarmácia monitorada de forma adequada pode trazer benefícios, como proteção contra o declínio cognitivo. As contribuições do estudo destacam a importância de uma abordagem cuidadosa na prescrição, acompanhamento individualizado por profissionais de saúde mental e equipes multiprofissionais, e a necessidade de políticas públicas que promovam capacitação e diretrizes clínicas. Dessa forma, o estudo reforça que o manejo responsável da polifarmácia pode reduzir riscos, preservar a saúde mental e melhorar o bem-estar dos idosos.
Rezende; Giroto, 2019	Riscos de polimedicação em idosos: uma revisão	Rev. UNINGÁ/ 2019	Português	Os resultados indicam que a polifarmácia é comum entre idosos devido à presença de múltiplas comorbidades, mas aumenta o risco de interações medicamentosas e reações adversas. As contribuições do estudo reforçam a necessidade de uma atuação cuidadosa dos profissionais de saúde, incluindo avaliação da terapia farmacológica, escolha adequada de medicamentos e doses, promoção do uso racional, prevenção da automedicação e implementação de estratégias para minimizar eventos adversos. Dessa forma, o manejo responsável da polifarmácia contribui para a segurança, bem-estar e melhor qualidade de vida dos idosos.
Oliveira <i>et al.</i> , 2022	Análise do perfil medicamentoso e de fatores associados à polifarmácia em pessoas idosas assistidas por uma Unidade de Saúde em Vitória - ES	Rev. colomb. cienc. quim. Farm/ 2022	Português	Os resultados evidenciam que a polifarmácia é altamente prevalente entre idosos, especialmente aqueles com 75 anos ou mais, multimorbidades e percepção negativa da própria saúde, sendo os medicamentos mais utilizados voltados ao sistema cardiovascular e digestivo-metabólico, com destaque para hipertensão e diabetes. As contribuições do estudo apontam para a necessidade de manejo racional da polifarmácia, incluindo avaliação criteriosa das prescrições, monitoramento de interações medicamentosas e automedicação, além da implementação de estratégias multidisciplinares e protocolos educativos para profissionais de saúde. Essas ações visam aumentar a segurança, prevenir eventos adversos, preservar a autonomia e melhorar a qualidade de vida dos idosos.
Rocha <i>et al.</i> , 2025	A ocorrência de distúrbios gastrointestinais em idosos com	Revista Foco/ 2025	Português	Os resultados desta revisão integrativa evidenciam que idosos com polifarmácia, especialmente aqueles portadores de doenças crônicas, apresentam maior suscetibilidade a distúrbios gastrointestinais, como hemorragias digestivas, úlceras pépticas, DRGE, constipação e diarreia. Os medicamentos mais

	polifarmácia: uma revisão de literatura			relacionados a esses efeitos foram agentes cardiovasculares (antitrombóticos e anti-hipertensivos), AINEs, metformina e antidepressivos. As contribuições do estudo destacam a necessidade de prescrição mais cuidadosa, monitoramento dos efeitos adversos e incentivo à desprescrição quando possível, reforçando a importância de capacitar profissionais de saúde para reduzir complicações e melhorar a qualidade de vida da população idosa. Além disso, o estudo evidencia lacunas na literatura, sinalizando a necessidade de pesquisas futuras para ampliar o conhecimento sobre outras classes medicamentosas e suas interações no contexto geriátrico.
Muller <i>et al.</i> , 2025	Prevalência do uso da polifarmácia e associação com mortalidade: estudo de coorte de pessoas idosas no Sul do Brasil, 2014-2017	Epidemiol Serv Saude. 2025	Português	Os resultados deste estudo de coorte demonstram que a polifarmácia é prevalente entre os idosos (36,1%) e aumenta com a idade, sendo mais comum entre mulheres, pessoas com pior autopercepção de saúde, multimorbidade, não trabalhadoras e usuários de serviços de saúde particulares ou por convênio. A análise mostrou que a polifarmácia está independentemente associada à mortalidade, independentemente da faixa etária ou da presença de multimorbidade, destacando seu impacto negativo na sobrevida. As contribuições do estudo incluem a confirmação de que a polifarmácia é um fator de risco modificável para desfechos adversos, reforçando a necessidade de práticas de prescrição mais cuidadosas, monitoramento contínuo dos medicamentos e estratégias de desprescrição para reduzir a mortalidade e melhorar a qualidade de vida dos idosos. Além disso, evidencia a importância de considerar fatores sociodemográficos, estilo de vida e condições de saúde no manejo da polifarmácia, oferecendo subsídios para políticas públicas, capacitação de profissionais e intervenções direcionadas à população geriátrica.
Andrade <i>et al.</i> , 2020	Polimedicação em adultos e idosos cadastrados na Estratégia Saúde da Família	Rev Bras Med Fam Comunidade. 2020	Português	Os resultados deste estudo mostraram que a polifarmácia é mais prevalente entre idosos (17%) do que em adultos (10,2%) e está associada a fatores específicos: em adultos, idade avançada e ausência de companheiro; em idosos, ocorrência de quedas recentes, tabagismo e autopercepção de saúde regular ou ruim/muito ruim. Outros fatores, como sexo, escolaridade e consumo de álcool, não apresentaram associação consistente, embora o álcool tenha se mostrado inversamente relacionado à polifarmácia em idosos.

				As contribuições do estudo são relevantes para a prática clínica e a atenção primária à saúde (APS), pois permitem identificar grupos mais vulneráveis ao uso de múltiplos medicamentos, direcionando intervenções preventivas. Destaca-se a necessidade de capacitação e educação continuada de prescritores, o acompanhamento cuidadoso de pacientes em risco, e o empoderamento dos indivíduos para participarem ativamente do seu tratamento. Além disso, reforça-se a importância de um cuidado centrado no paciente como um todo, e não apenas na farmacoterapia, promovendo maior segurança na prescrição e melhor qualidade de atenção à saúde.
Silva; Aguiar, 2020	Fatores relacionados à Polimedicação em idosos e a segurança do paciente: uma revisão integrativa	Revista Nursing, 2020	Português	Os resultados desta revisão integrativa evidenciam que a polimedicação em idosos está associada a múltiplos fatores: idade inferior a 80 anos, sexo feminino, baixa escolaridade, presença de comorbidades, morar sozinho e acesso a serviços privados de saúde. Observou-se que esses fatores aumentam a vulnerabilidade dos idosos ao uso de múltiplos medicamentos, elevando o risco de eventos adversos, prolongamento do tempo de internação e, em situações mais graves, a mortalidade. As contribuições do estudo são relevantes para a prática clínica e para a segurança do paciente, ao indicar a necessidade de atenção diferenciada aos grupos mais vulneráveis, reforçando a importância de protocolos clínicos adequados, educação continuada de prescritores e estratégias que promovam o autocuidado do idoso. Além disso, a revisão aponta lacunas na literatura sobre mortalidade relacionada à polimedicação, destacando a urgência de novos estudos que investiguem de forma aprofundada esses desfechos, contribuindo para o aprimoramento das políticas de saúde e práticas de prescrição seguras.
Leal <i>et al.</i> , 2020	Polifarmácia no idoso: o papel da enfermagem na prevenção das iatrogenias	Braz. J. of Develop. 2020	Português	Os resultados do estudo revelam que a polifarmácia é altamente prevalente entre os idosos, com 81,6% dos participantes fazendo uso diário de múltiplos medicamentos, principalmente para o controle de doenças crônicas não transmissíveis como hipertensão e diabetes. As classes de medicamentos mais utilizadas foram anti-hipertensivos, diuréticos e antidiabéticos, evidenciando a necessidade de atenção às doenças crônicas e ao impacto do uso concomitante de fármacos.

				As contribuições do estudo se concentram em evidenciar a importância da atuação do profissional de saúde, especialmente da enfermagem, na orientação do idoso e do cuidador quanto à posologia, efeitos adversos, interações medicamentosas e autocuidado. A pesquisa reforça a necessidade de estratégias educativas e de acompanhamento individualizado, incluindo revisões periódicas da terapia medicamentosa, uso de lembretes e recursos visuais para facilitar a adesão, e estreitamento do vínculo com o paciente para reduzir erros e iatrogenias. Além disso, o estudo contribui para ampliar o conhecimento científico sobre polifarmácia, oferecendo subsídios para a formulação de intervenções que promovam segurança e humanização no cuidado à população idosa.
Arruda <i>et al.</i> , 2025	Prevenção da Polifarmácia em Idosos na Atenção Primária à Saúde: uma Revisão da Literatura	Revista de Gestão e Secretariado – GeSec, 2025	Português	De forma sintetizada, os resultados do estudo indicam que a polifarmácia é um desafio relevante na Atenção Primária à Saúde (APS), exigindo atenção especial da enfermagem. Os 15 artigos analisados evidenciam que estratégias como revisão integrada de medicamentos, intervenção educacional, entrevistas motivacionais, consultas periódicas e visitas domiciliares promovem melhor adesão terapêutica, reduzem efeitos adversos e diminuem o risco de mortalidade em idosos. A atuação multiprofissional, com foco na colaboração entre enfermeiros e outros profissionais de saúde, é fundamental para adequar a prescrição, prevenir interações medicamentosas e personalizar a terapia medicamentosa. As contribuições do estudo incluem o reforço da importância do cuidado centrado no idoso, envolvendo tanto o paciente quanto seu cuidador, promovendo autonomia, protagonismo e compreensão das prescrições. Evidencia-se também que a educação em saúde e a monitorização contínua aumentam a segurança do paciente, evitando polifarmácia desnecessária e iatrogenias. Além disso, o estudo fornece subsídios para o desenvolvimento de protocolos e intervenções na APS que visem à prevenção da polifarmácia, à melhora da qualidade de vida e à promoção de um envelhecimento ativo, enfatizando a necessidade de capacitação profissional e ampliação de pesquisas na área.
Marques <i>et al.</i> , 2018	Polifarmácia e medicamentos	Rev. Bras. Enferm. 2018	Português	Os resultados deste estudo revelaram que a população idosa avaliada apresentava média de idade de 69,5 anos, com

	potencialmente inapropriados para idosos na enfermagem gerontológica			predominância do sexo feminino, sendo que mais da metade estava submetida à polifarmácia. Foram prescritos 65 medicamentos, totalizando 253 prescrições, com destaque para insulina, omeprazol e glibenclamida, evidenciando a complexidade do manejo farmacológico nessa faixa etária. Observou-se ainda que 72,7% dos idosos utilizavam pelo menos um medicamento potencialmente inapropriado (MPI), conforme os Critérios de Beers 2015, e que alguns fármacos exigiam cautela ou ajuste de dose em função da função renal, refletindo as alterações fisiológicas e farmacocinéticas próprias do envelhecimento. Esses achados contribuem significativamente para a enfermagem gerontológica, pois reforçam a necessidade de uma atuação multiprofissional, centrada na avaliação crítica das prescrições, no acompanhamento farmacoterapêutico individualizado e na implementação de intervenções que reduzam riscos e eventos adversos associados à polifarmácia. Além disso, destacam a importância de capacitar enfermeiros para reconhecer e intervir em situações de uso inadequado de medicamentos, promovendo segurança e qualidade de vida aos idosos. O estudo evidencia, ainda, lacunas na literatura, especialmente a ausência de pesquisas longitudinais, reforçando a necessidade de novos estudos que possibilitem o acompanhamento contínuo da farmacoterapia e a atuação integrada das equipes de saúde.
Macêdo <i>et al.</i> , 2023	Assistência de enfermagem na atenção básica com idosos em tratamento de polifarmácia	Revista Eletrônica Acervo Saúde 2023	Português	Os resultados deste estudo evidenciam que estratégias de enfermagem aplicadas a idosos em uso de polifarmácia na Atenção Primária à Saúde, como entrevista motivacional, revisão integrada de medicamentos, intervenção integrada, consulta periódica, intervenção educacional e cuidado guiado, são eficazes na melhoria da qualidade da assistência. A análise dos artigos selecionados, majoritariamente ensaios clínicos randomizados com alto nível de evidência, demonstrou que essas abordagens favorecem a adesão ao tratamento, aumentam o conhecimento dos idosos sobre os riscos da polifarmácia e contribuem para a redução de reações adversas e interações medicamentosas. Dessa forma, o estudo reforça a importância do papel do enfermeiro na promoção de cuidado

				seguro e efetivo, evidenciando a relevância das intervenções multiprofissionais na atenção ao idoso.
Canteri; Almeida; Novak, 2023	Cuidado de enfermagem ao idoso em uso de polifarmácia	Desenvolvimento sustentável e inovação 2023	Português	O estudo evidenciou que o envelhecimento populacional está diretamente associado ao aumento das doenças crônico-degenerativas e, conseqüentemente, à prática da polifarmácia entre idosos, favorecida por fatores como alterações de memória, múltiplas prescrições médicas, automedicação, comorbidades, falta de orientação especializada e limitações econômicas, o que aumenta o risco de reações adversas, interações medicamentosas e prejuízos à autonomia e à qualidade de vida. Nesse contexto, o cuidado integral ao idoso representa um desafio para os serviços de saúde e reforça o papel essencial da enfermagem na prevenção e manejo dessa problemática, por meio de orientações terapêuticas, promoção da saúde e estratégias educativas direcionadas ao idoso, à família e à equipe multiprofissional, sendo indispensável a qualificação contínua dos profissionais para assegurar assistência segura e eficaz.
Celestino <i>et al.</i> , 2023	Principais intervenções de enfermagem à pessoa idosa que faz uso de polifarmácia	Editores Científicos, 2023	Português	O estudo evidenciou que a polifarmácia é prevalente em idosos acima de 60 anos e, quando não gerenciada adequadamente, aumenta a vulnerabilidade a efeitos adversos e interações medicamentosas. A falta de orientação aos usuários e de comunicação entre os profissionais de saúde agrava o problema, destacando a necessidade de um cuidado racional e organizado que considere a condição biopsicossocial do idoso. Constatou-se que equipes multidisciplinares qualificadas são fundamentais para oferecer assistência segura, sendo papel da enfermagem adotar estratégias educativas e integradoras que envolvam pacientes, familiares e profissionais, de modo a reduzir riscos e promover um cuidado holístico. Conclui-se que o monitoramento contínuo e planos de cuidado individualizados são essenciais para preservar a qualidade de vida e os resultados terapêuticos dos idosos em uso de polifarmácia.
Rodrigues <i>et al.</i> , 2021	Impactos causados pela polifarmácia em idosos: uma revisão integrativa	Research, Society and Development, 2021	Português	O estudo revelou que a polifarmácia é uma prática comum entre idosos, intensificada pelo fenômeno da medicalização culturalmente enraizada e pelo forte marketing da indústria farmacêutica, o que favorece tanto o uso concomitante de múltiplos fármacos quanto a automedicação. Essa condição, associada à prescrição indiscriminada em unidades básicas de

				saúde e à ausência de acompanhamento especializado, aumenta o risco de complicações clínicas, dificulta a adesão correta ao tratamento e impacta os custos do sistema de saúde. Os resultados destacam ainda o papel central do enfermeiro, que, por meio de processos educativos, vínculo de confiança e estratégias de ensino-aprendizagem, atua na promoção do autocuidado e na mediação das dificuldades sociais, familiares e econômicas dos idosos, sendo figura fundamental na prevenção de riscos e na melhoria da qualidade de vida dessa população.
--	--	--	--	---

Fonte: Autoras (2025).

5. DISCUSSÃO

Os resultados desta análise evidenciam que a polifarmácia é uma situação bastante prevalente entre os idosos, constituindo-se como um dos principais obstáculos enfrentados pela saúde pública nos dias de hoje. Com o aumento da longevidade e da incidência de doenças crônicas, é comum a necessidade de vários medicamentos. No entanto, a falta de uma supervisão adequada pode levar a consequências adversas significativas, como interações entre fármacos, quedas, internações frequentes e até um aumento nas taxas de mortalidade (Matos & Tufic-Garutti, 2024; Tinôco *et al.*, 2021; Figueiredo *et al.*, 2024; Muller *et al.*, 2025). Estudos adicionais confirmam que a polifarmácia é um fator de risco isolado que pode agravar os indicadores clínicos e funcionais na população idosa, enfatizando a urgência de desenvolver estratégias que incentivem o uso responsável de medicamentos (Ribeiro *et al.*, 2024; Souza, Garcia. Marcacini, 2025).

A análise comparativa dos estudos escolhidos revela um consenso sobre os impactos negativos da polifarmácia na qualidade de vida de pessoas idosas, especialmente nas áreas física e mental (Costa *et al.*, 2024; Maciel, Torres, Souza, 2025). Essa relação pode ser parcialmente compreendida pelas mudanças fisiológicas que acompanham o envelhecimento, que incluem variações na maneira como os medicamentos são absorvidos, distribuídos, metabolizados e eliminados, resultando em maior suscetibilidade a efeitos adversos (Tinôco *et al.*, 2021; Pereira *et al.*, 2017). Adicionalmente, elementos sociais e organizacionais, como a fragmentação do cuidado, a automedicação e a falta de revisões periódicas das prescrições, agravam a carga terapêutica (Oliveira, Pinto, 2021; Rezende, Girotto, 2019).

Apesar de haver um acordo sobre os efeitos adversos, algumas discrepâncias aparecem na pesquisa. Investigações mostram uma relação relevante entre polifarmácia e taxa de mortalidade (Muller *et al.*, 2025, Silva, Aguiar, 2020), enquanto outras não fornecem evidências estatisticamente sólidas para essa conexão (Pereira *et al.*, 2017; Oliveira *et al.*, 2022). Essas variações podem ser decorrentes de diferentes abordagens metodológicas, como o tipo de estudo (transversais em contraste com longitudinais), critérios utilizados para classificar polifarmácia (≥ 4 ou ≥ 5 medicamentos), grupos populacionais estudados (idosos em comunidade versus aqueles em instituições) e ambientes de cuidado.

Essas diferenças não reduzem a importância da conexão entre polifarmácia e efeitos colaterais, mas ressaltam a separação entre polifarmácia apropriada em que a administração de vários medicamentos é justificada clinicamente e acompanhada e polifarmácia inadequada, que surge de prescrições que são desnecessárias ou que podem causar danos (Andrade *et al.*, 2024; Moraes, Card, Silva, 2024; Marques *et al.*, 2018).

Sob uma perspectiva teórica, os achados enfatizam a compreensão da polifarmácia como um fenômeno multifacetado, situado na interseção do envelhecimento, das práticas clínicas e das políticas de saúde. Uma abordagem que se restringe a aspectos quantitativos, focando apenas na contagem de medicamentos, revela-se inadequada; é fundamental levar em conta a pertinência do tratamento, o contexto de vida do paciente, a presença de várias condições de saúde e os fatores psicossociais envolvidos (Rodrigues *et al.*, 2021). Dessa forma, a polifarmácia deve ser entendida não apenas como um dado numérico, mas também como um reflexo da qualidade do cuidado oferecido aos idosos.

Na prática, o gerenciamento da polifarmácia exige abordagens organizadas, como a reconciliação de medicamentos, revisões regulares de prescrições, aplicação de critérios específicos (Beers/CBMPI) e uma implementação cuidadosa da

desprescrição (Matos & Tufic-Garutti, 2024; Morais, Card, Silva, 2024; Vieira, Pinheiro, 2025; Arruda *et al.*, 2025). A atuação de equipes multiprofissionais é essencial, com ênfase no papel do farmacêutico clínico na melhoria das prescrições e na diminuição de riscos (Ribeiro *et al.*, 2024; Sacramento Filho, Castro, Abreu, 2022; Figueiredo *et al.*, 2024), e também na atuação do enfermeiro, que realiza ações como educação em saúde, acompanhamento da adesão, documentação adequada dos medicamentos e visitas ao domicílio (Leal *et al.*, 2020; Macêdo *et al.*, 2023; Canteri, Almeida, Novak, 2023; Celestino *et al.*, 2023). Essas ações destacam a importância da colaboração entre médicos, enfermeiros, farmacêuticos, cuidadores e familiares para garantir um cuidado seguro e focado no bem-estar dos idosos.

Os impactos políticos também possuem grande importância. Estabelecer protocolos para a desprescrição, promover a formação contínua de profissionais da saúde e desenvolver indicadores para o acompanhamento do uso seguro de medicamentos são ações fundamentais. A integração dessas abordagens à Atenção Primária à Saúde, especialmente no âmbito do SUS, pode diminuir complicações causadas por intervenções médicas, despesas hospitalares e ameaças à saúde. Alguns exemplos de estratégias eficazes são a adoção de cadernetas de medicamentos uniformizadas, serviços de teleatendimento e atendimentos multiprofissionais integrados (Barros *et al.*, 2023, Arruda *et al.*, 2025).

Embora os resultados sejam sólidos, é necessário reconhecer algumas limitações. A variedade nas abordagens metodológicas dos estudos, a predominância de investigações observacionais e a falta de grandes ensaios clínicos randomizados comprometem a força das evidências. Entre as lacunas relevantes estão a falta de análises aprofundadas sobre o uso de múltiplos medicamentos em idosos que apresentam fragilidade severa, problemas sensoriais ou vulnerabilidades socioeconômicas.

Considerando esse contexto, pesquisas futuras devem focar em intervenções colaborativas bem planejadas, destacando a desprescrição segura e a utilização correta de fármacos. Ensaios clínicos randomizados e estudos longitudinais poderão oferecer dados mais robustos relacionados à mortalidade, internações e qualidade de vida, ao mesmo tempo em que investigações sobre despesas e a eficácia de abordagens inovadoras, como a telefarmácia e as consultas integradas, ajudarão a desenvolver políticas públicas mais eficientes (Vieira, Pinheiro, 2025; Arruda *et al.*, 2025; Rodrigues *et al.*, 2021).

Em síntese, a análise demonstra que, apesar de a polifarmácia frequentemente ser indispensável devido às complexidades de saúde dos idosos, trata-se de um fenômeno que pode ser alterado. A administração eficiente, por meio da revisão dos tratamentos, da descontinuação de medicamentos quando necessário e da colaboração entre diferentes profissionais, pode levar à diminuição de riscos, melhores resultados clínicos e um aumento na qualidade de vida. Isso ressalta a necessidade de políticas públicas que apoiem essas iniciativas e promovam sua ampla adoção.

Nesse cenário, fica claro que a polifarmácia afeta a saúde dos idosos de maneira que vai além dos aspectos clínicos, impactando diretamente a qualidade de vida, a funcionalidade e a segurança dos pacientes. A atuação da enfermagem é fundamental na administração da farmacoterapia, envolvendo a reconciliação de medicamentos, a revisão regular das prescrições, o monitoramento da adesão ao tratamento, a educação em saúde e as visitas domiciliares.

Essas ações possibilitam a identificação de receitas inadequadas, a prevenção de efeitos adversos e o fortalecimento da comunicação entre os profissionais de saúde

e os pacientes, assegurando um cuidado seguro, integral e centrado nas necessidades dos idosos. Assim, a função do enfermeiro é crucial para atenuar os riscos vinculados à polifarmácia e para promover práticas terapêuticas que sejam mais responsáveis e humanizadas, ressaltando a importância de uma abordagem multiprofissional, integrada e focada na qualidade de vida da população idosa.

6. CONCLUSÃO

O presente estudo permitiu compreender que a polifarmácia é um fenômeno complexo e multifatorial, fortemente associado ao processo de envelhecimento populacional e à elevada prevalência de doenças crônicas na terceira idade. A análise bibliográfica evidenciou que, embora o uso simultâneo de múltiplos medicamentos seja, em muitos casos, necessário para o controle das comorbidades, essa prática apresenta riscos significativos, como interações medicamentosas, reações adversas, redução da adesão terapêutica e comprometimento da qualidade de vida dos idosos.

Constatou-se que o aumento da longevidade e a transição demográfica impõem desafios crescentes aos sistemas de saúde, tornando essencial o desenvolvimento de estratégias que promovam o uso racional de medicamentos. Nesse contexto, a distinção entre polifarmácia adequada e inadequada torna-se imprescindível. Enquanto a primeira é caracterizada por prescrições clinicamente justificáveis e monitoradas, a segunda decorre do uso excessivo, desnecessário ou incorreto de fármacos, podendo resultar em danos evitáveis e custos adicionais ao sistema público de saúde.

Os resultados apontam, ainda, que o manejo da polifarmácia deve ser orientado por uma abordagem interdisciplinar, envolvendo médicos, enfermeiros, farmacêuticos, cuidadores e familiares. Destaca-se o papel essencial da enfermagem nesse processo, tanto na educação em saúde quanto na reconciliação medicamentosa, no acompanhamento da adesão ao tratamento, na identificação precoce de interações medicamentosas e na promoção do cuidado humanizado. A atuação do enfermeiro, pautada na escuta qualificada e no olhar holístico, contribui significativamente para a segurança terapêutica, a autonomia do paciente e a prevenção de complicações clínicas.

Além do aspecto clínico, a polifarmácia deve ser compreendida como um desafio social e político. A criação e implementação de políticas públicas voltadas à desprescrição segura, à capacitação continuada dos profissionais e à integração de sistemas de informação farmacológica são medidas essenciais para reduzir os riscos e garantir a sustentabilidade do Sistema Único de Saúde (SUS). Iniciativas como a adoção de cadernetas de medicamentos, o uso de tecnologias de monitoramento remoto e a oferta de atendimentos multiprofissionais integrados demonstram potencial para aprimorar o cuidado e prevenir eventos adversos.

Por fim, este estudo reforça que o envelhecimento saudável não se limita à ausência de doenças, mas envolve a manutenção da funcionalidade, da autonomia e da qualidade de vida. A gestão criteriosa da terapêutica medicamentosa é, portanto, um pilar fundamental nesse processo. Recomenda-se que pesquisas futuras explorem intervenções práticas e colaborativas, com foco na desprescrição responsável, na personalização dos tratamentos e na avaliação dos impactos da polifarmácia em diferentes contextos socioeconômicos e culturais.

Conclui-se que o enfrentamento dos desafios impostos pela polifarmácia exige não apenas conhecimento técnico, mas também sensibilidade ética e compromisso com o cuidado integral ao idoso. A promoção do uso racional de medicamentos, aliada à atuação multiprofissional e à valorização do papel da enfermagem, constitui um

caminho promissor para garantir um envelhecimento mais seguro, digno e sustentável.

REFERÊNCIAS

Adjuto, G. **Dia Nacional do Idoso: conheça políticas públicas para essa população** Pessoas com mais de 60 anos representam quase 18% dos brasileiros. Agência Brasil, Brasília, 2021. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitoshumanos/noticia/2021-10/dia-nacional-do-idoso-conheca-politicas-publicas-para-essapopulacao> Acesso em: 20/04/2025.

Agreli, Heloise Fernandes *et al.* **Atenção centrada no paciente na prática interprofissional colaborativa**. Artigos • Interface 20 (59) • Oct-Dec 2016 • <https://doi.org/10.1590/1807-57622015.0511>

Alves, Gregório Carvalho; Pereira, Marcelo Henrique Silva; Soler, Orenzio. Serviços farmacêuticos e/ou cuidado farmacêutico para idosos com polimorbidades, polifarmácia e deficiência auditiva: Revisão de escopo. **Research, Society and Development**, v. 14, n. 4, e2314448619, 2025

Andrade, Marcia. **Educação em saúde para idosos: uso racional de medicamentos**. (TCC) 2022, 38f. Universidade de Santa Cruz do Sul.

Andrade, Nathália de Oliveira *et al.* Polimedicação em adultos e idosos cadastrados na Estratégia Saúde da Família: associação com fatores sociodemográficos, estilo de vida, rede de apoio social e saúde. **Rev Bras Med Fam Comunidade**. Rio de Janeiro, 2020 Jan-Dez; 15(42):2462

Andrade, Raquel Coelho de *et al.* **Polifarmácia, medicamentos potencialmente inapropriados e a vulnerabilidade de pessoas idosas**. Artigos Originais • Rev. bras. geriatr. gerontol. 27 • 2024 • <https://doi.org/10.1590/1981-22562024027.230191.pt>

Andrade, Raquel Coelho de *et al.* Polifarmácia, medicamentos potencialmente inapropriados e a vulnerabilidade de pessoas idosas. **Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.** 2024;27:e230191

Araújo, Lavínia Uchôa Azevedo de *et al.* **Avaliação da qualidade da atenção primária à saúde sob a perspectiva do idoso**. Artigo • Ciênc. saúde colet. 19 (08) • Ago 2014 • <https://doi.org/10.1590/1413-81232014198.21862013>.

Arruda, G. O.; Lima, S. C. S.; Renovato, R. D. **Uso de medicamentos por homens idosos com polifarmácia: representações e práticas**. Revista Latino-Americana de Enfermagem, v. 21, n. 6, 2013.

Arruda, Marília Andreza de *et al.* Prevenção da Polifarmácia em Idosos na Atenção Primária à Saúde: uma Revisão da Literatura. **Revista de Gestão e Secretariado – GeSec**, V. 16, N. 4, P. 01-15, 2025. São José dos Pinhais, Paraná, Brasil

Assunção, Rafaela Ferreira Israel *et al.* Impacto da polimedicação na saúde de idosos: avaliação e estratégias de intervenção. **Europub Journal of Health Research**, v.5, n.2, p. 01-10, 2024

Barros, Caroline Muniz *et al.* Estratégias para reduzir os impactos da polifarmácia em idosos. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**. São Paulo, v.9.n.11. nov. 2023. ISSN - 2675 – 3375

Campos, Ana Paula Porto *et al.* **Abordagens e desafios na gestão da polifarmácia em pacientes com doenças cardiovasculares**. Epitaya E-books, v. 1, n. 78, p. 41-68, 2024.

Canteri, Vanessa Aparecida; Almeida, Fabiana Aparecida de; Novak, Robson Schimandei. Cuidado de enfermagem ao idoso em uso de polifarmácia. **Desenvolvimento sustentável e inovação**, 2023

Carvalho, Maristela Ferreira Catão *et al.* **Polifarmácia entre idosos do Município de São Paulo**- Estudo SABE. Artigos Originais. Rev. bras. epidemiol. 15 (4) • Dez 2012.

Castro, Deidiane Saraiva Oliveira de; Lacerda, Nathalia Oliveira; Marquez, Carolinne de Oliveira. **Riscos na utilização de medicamentos pelos idosos polimedicados**. Revista Eletrônica Acervo Saúde, Vol. 24(8) | DOI: <https://doi.org/10.25248/REAS.e15118.2024>

Cecchin, L. *et al.* **Polimedicação e doenças crônicas apresentadas por idosos de uma instituição de longa permanência**. Revista FisiSenectus, v. 2, n. 1, p. 25-32, 2014.

Celestino, Lázaro Clarindo *et al.* Principais intervenções de enfermagem à pessoa idosa que faz uso de polifarmácia. **Editora Científica**, 2023.

Costa, Emilly Laís Ramalho dos Santos *et al.* Polifarmácia e os riscos à qualidade de vida do idoso: uma revisão integrativa. **Editora Realize**, 2024

Costa, Guilherme Moura da. **Polifarmácia e educação para o uso correto de medicamentos**. 51f., 2015. (TCC). Universidade Federal de Minas Gerais. Governador Valadares- MG, 2015.

Didone, Thiago Vinicius Nadaletto *et al.* **Validação do questionário “Conocimiento del Paciente sobre sus Medicamentos” (CPM-ES-ES)**. TEMAS LIVRES • Ciênc. saúde coletiva 24 (9) • Set 2019 • <https://doi.org/10.1590/1413-81232018249.26112017>

Figueiredo, Gustavo Nascimento *et al.* Uso de polifarmácia por idosos: interações e reações adversas no uso de medicamentos. **Contribuciones a Las Ciencias Sociales**, São José dos Pinhais, v.17, n.5, p. 01-11, 2024

Fuhrmann, A. C. *et al.* **Associação entre a capacidade funcional de idosos dependentes e a sobrecarga do cuidador familiar**. Revista Gaúcha de

Enfermagem. v.36, n.1, 2015.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Número de idosos cresce 18% em 5 anos e ultrapassa 30 milhões em 2017**. Rio de Janeiro: IBGE, 2018.

Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencianoticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20980-numero-de-idosos-cresce-18-em-5-anos-e-ultrapassa-30-milhoes-em-2017>. Acesso em: 03/04/2025.

König, M. *et al.* **Polifarmácia como fator de risco para sarcopenia clinicamente relevante**: resultados do estudo de envelhecimento de Berlim II. (Traduzido). *The Journals of Gerontology*, [S. l.], v. 73, n. 1, p. 117-122, 2018.

Kreuz, G.; Franco, M. H. P. **Reflexões acerca do envelhecimento, problemáticas, e cuidados com as pessoas idosas**. *Revista Kairós – Gerontologia*, v.20, n.2, p. 117-33, 2017

Leal, Rebeca Cavalcanti *et al.* Polifarmácia no idoso: o papel da enfermagem na prevenção das iatrogenias. **Braz. J. of Develop.**, Curitiba, v. 6, n. 7, p. 53872-53880 jul. 2020.

Lestari, S. K. *et al.* **Diversidade nos Fatores Associados à Incapacidade Relacionada às AVD entre Idosos em Seis Países de Renda Média: Uma Comparação entre Países**. (Traduzido). *International Journal of Environmental Research and Public Health*, Basel, v. 16, p. 1341, 2019.

Macêdo, Victória Maria Ferreira *et al.* Assistência de enfermagem na atenção básica com idosos em tratamento de polifarmácia. **Revista Eletrônica Acervo Saúde** Vol. 23(11) | DOI: <https://doi.org/10.25248/REAS.e14122.2023>

Maciel, Igor Dickinson Silveira; Torres, Ricardo Targino; Souza, Fabia Julliana Jorge de. Saúde e envelhecimento: análise dos fatores de riscos e impactos gerados pela polifarmácia na qualidade de vida dos idosos. **Repositório Universitário da Ânima (RUNA)**/ 2025

Marques, Gabrielle Ferreira Melo *et al.* Polifarmácia e medicamentos potencialmente inapropriados para idosos na enfermagem gerontológica. **Rev Bras Enferm** [Internet]. 2018;71(5):2585-92.

Matos, Adna Salgado Matos; Tufic-Garutti, Samantha dos Santos. Abordagens para a polifarmácia e seus riscos na terceira idade. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**. Volume 6, Issue 11 (2024), Page 1172-1183.

Meireles, Beatriz Leal. **Desenvolvimento e validação de um instrumento para avaliação de conformidade em serviços de gerenciamento da terapia medicamentosa** / Beatriz Leal Meireles. – 2016. 148 f. : il. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Farmácia, Programa de Pós-Graduação em Medicamentos e Assistência Farmacêutica.

Montiel-Luque, A. *et al.* **Fatores relacionados à medicação associados à qualidade de vida relacionada à saúde em pacientes com mais de 65 anos em**

polifarmácia. (Traduzido). PLoS ONE, San Francisco, v. 12, p. e0171320, 2017.

Morais, Elielma Nogueira; Card, Maria José; Silva, Thiago Freitas. Efeitos adversos da polifarmácia em idosos: uma revisão integrativa. **Revista JRG de Estudos Acadêmicos**, 2024;15:e151738

Mrejen, Matías; Nunes, Letícia; Giacomini, Karla. **Envelhecimento populacional e saúde dos idosos: o Brasil está preparado?** Instituto de Estudos para Políticas de Saúde – IEPS; Insper; Centro Internacional da Longevidade Brasil – ILC-Brasil; Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca – ENSP/Fiocruz; Fiocruz, 2023.

Muhlack, D. C. *et al.* **A Associação de Medicamentos Potencialmente Inapropriados na Terceira Idade com Eventos Cardiovasculares e Mortalidade Geral: Uma Revisão Sistemática e Meta-análise de Estudos de Coorte.** (Traduzido). Journal of the American Medical Directors Association, Hagerstown, v. 18, p. 211–220, 2017

Müller, Cristina Heloisa *et al.* Prevalência do uso da polifarmácia e associação com mortalidade: estudo de coorte de pessoas idosas no Sul do Brasil, 2014-2017. **Epidemiol Serv Saude**. 2025;34:e20240081

Nascimento, Renata Cristina Rezende Macedo do. **Polifarmácia: uma realidade na atenção primária do Sistema Único de Saúde.** Rev Saude Publica. 2017;51 Supl 2:19s.

Oliveira, Glenda Pereira Lima *et al.* Análise do perfil medicamentoso e de fatores associados à polifarmácia em pessoas idosas assistidas por uma Unidade de Saúde em Vitória – ES. **Rev. Colomb. Cienc. Quím. Farm.**, Vol. 51(2), 1009-1028, 2022

Oliveira, Guilherme Lacerda *et al.* **Fatores relacionados à adesão ao tratamento sob a perspectiva da pessoa idosa.** Artigos Originais • Rev. bras. geriatr. gerontol. 23 (4) • 2020 • <https://doi.org/10.1590/1981-22562020023.200160>

Oliveira, Lillian Maria Zuza de; PINTO, Rafaela Rocha. A utilização da polifarmácia entre idosos e seus riscos. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v.7, n.11, p. 104763-104770 nov. 2021

Oliveira, M. A. *et al.* **Automedicação em idosos residentes em Campinas, São Paulo, Brasil: prevalência e fatores associados.** Cad. saúde pública. 2012.

OMS. Organização Mundial da Saúde. **Segurança de medicamentos em polifarmácia: relatório técnico.** (Traduzido). World Health Organization: Geneva, Switzerland, 2019.

Paul, R. *et al.* **Determinantes da incapacidade adquirida e recuperação da incapacidade em idosos indianos: influência longitudinal de fatores socioeconômicos e relacionados à saúde.** (Traduzido). BMC Geriatrics, London, v. 21, n. 426, 2021.

Paula Júnior, J.D. *et al.* **Prática de polifarmácia por idosos cadastrados em**

unidade de atenção primária. Rev Investigação. 2013;13:15-18

Pereira, Karine Gonçalves *et al.* **Polifarmácia em idosos: um estudo de base populacional.** ARTIGO ORIGINAL Rev. bras. epidemiol. 20 (02) • Abr-Jun 2017 •<https://doi.org/10.1590/1980-5497201700020013>

Pereira, Karine Gonçalves *et al.* Polifarmácia em idosos: um estudo de base populacional. **Rev Bras Epidemiol** Abr-Jun 2017; 20(2): 335-344

Puga, A. M. *et al.* **Efeitos de drogas e excipientes no estado de hidratação.** Nutrients, [S. l.], v. 11, p. 669, 2019.

Rezende, Juliana Akemi Imazu; GIROTTTO, Edmarlon. Riscos de Polimedicação em idosos: uma revisão. **Rev. UNINGÁ, Maringá**, v. 56, n. 1, p. 66-76, jan./mar. 2019

Ribeiro, Izabelle Pimenta *et al.* Desafios e estratégias na gestão da polifarmácia em idosos: impactos na saúde e adesão ao tratamento. **Brazilian Journal of Health and Biological Science**, V.1, N.2, 01-14, 2024

Rocha, Amanda Maria Santos *et al.* A ocorrência de distúrbios gastrointestinais em idosos com polifarmácia: uma revisão de literatura. **Revista Foco** | v.18 n.4 |e8207 | p.01-21 |2025

Sacramento Filho, Juvenal; Castro, Vilani Pereira de; Abreu, Clezio Rodrigues de Carvalho. A importância da atenção farmacêutica na polifarmácia em pacientes idosos. **Revista JRG de Estudos Acadêmicos**, 2022.

Santana, Pedro Paulo Corrêa *et al.* **Evidências científicas de enfermagem acerca do HIV/Aids entre idosos:** uma revisão integrativa de literatura. Rev Baiana Enferm. 2015; 29(3):278-89.

Santana, Pedro Paulo Corrêa *et al.* **O impacto da polifarmácia na qualidade de vida de idosos.** Rev enferm UFPE on line., Recife, 13(3):773-82, mar., 2019

Selbmann, Alexandre *et al.* Implicações e risco da polifarmácia em pacientes idosos. **Brazilian Journal of Health Review**, Curitiba, v. 7, n. 2, p. 01-10, mar./apr., 2024

Silva, A. L. *et al.* **Utilização de medicamentos por idosos brasileiros, de acordo com a faixa etária:** um inquérito postal. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 28, n. 6, jun. 2012.

Silva, Elen Maysa de Almeida; Aguiar, Ricardo Saraiva. Fatores relacionados à Polimedicação em idosos e a segurança do paciente: uma revisão integrativa. **Revista Nursing**, 2020; 23 (265): 4127-4133

Silva, R.; Schmidt, O. F.; Silva, S. **Polifarmácia em geriatria.**Revista AMRIGS, v.56, n.2, p.164-74, 2012.

Souza, Ana Vitória de; Garcia, Geovanna Borges Ribeiro; Marcacini, Maria Eduarda Paiva. Relação entre polifarmácia e saúde mental em idosos: Uma revisão sistemática. **Research, Society and Development**, v. 14, n. 2, e10814248269, 2025

Tan, J.L. *et al.* **Alterações relacionadas à idade na função hepática: uma atualização sobre as implicações para a terapia medicamentosa.** (Traduzido). *Drugs & Aging*, Auckland, v. 32, p. 999–1008, 2015.

Tinôco, Erica Elen Assis *et al.* Polifarmácia em idosos: consequências de polimorbidades. **Braz. J. Surg. Clin. Res.** V.35 n.2, pp.79-85 (Jun -Ago 2021)

Veras, R. P.; Oliveira, M. R. **Linha de cuidado para o idoso:** detalhando o modelo. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 6, p. 887-905, 2016.

Vieira, Carlos Eugênio da Costa; Pinheiro, Maria Tarcila Rabelo. Desafios no manejo da polifarmácia em idosos: estratégias para a farmácia clínica. **Revista CPAQV – Centro de Pesquisas Avançadas em Qualidade de Vida | Vol.17| Nº. 1| Ano 2025| p. 2**

Wastesson, J. W. *et al.* **Uma atualização sobre as consequências clínicas da polifarmácia em idosos: uma revisão narrativa.** (Traduzido). *Expert Opinion on Drug Safety*, [S. l.], v. 17, n. 12, p.1185-1196, 2018.